Pensar-Revista Eletrônica da FAJE
v.16 n.2 (2025): 138-152

DOI: 10.20911/21799024v16n2p138/2025

Será que cremos no Deus de Jesus?

Do we believe in the God of Jesus?

***Joaquim Jocélio de Sousa Costa*[1]**

RESUMO: A fé em Deus pode parecer óbvia, mas não é nada simples. O que aconteceu muitas vezes na história e continua se repetindo hoje é pensar estar servindo ao Deus revelado em Jesus, mas estar, na verdade, servindo a uma falsa imagem dele. O presente texto visa, portanto, refletir sobre o sério pecado da idolatria que continua atingindo as comunidades cristãs. O artigo analisa o problema da idolatria como o grande desafio para a fé, refletindo sobre ateísmo e idolatria e tratando esta como realidade que mostra o conflito entre diferentes imagens de Deus, não entre religiões. Depois, apresenta alguns traços fundamentais de Deus revelados em Jesus: sua parcialidade pelos pobres, sua misericórdia e sua incompatibilidade com as riquezas. Por fim, trata da idolatria presente hoje nas comunidades de fé, como é um pecado silencioso e "religioso" e como só com uma autêntica volta a Jesus é possível vencê-la.

PALAVRAS-CHAVE: Fé. Deus. Idolatria. Jesus de Nazaré. Reino de Deus.

ABSTRACT: Faith in God may seem obvious, but it's anything but simple. What has happened many times throughout history and continues to happen today is that people think they are serving the God revealed in Jesus, but are actually serving a false image of him. This text therefore aims to reflect on the serious sin

1 Graduado em filosofia e teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza. Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-Ce.

of idolatry that continues to plague Christian communities. The article analyzes the problem of idolatry as a great challenge to faith, reflecting on atheism and idolatry, treating the latter as a reality that reveals the conflict between different images of God, not between religions. It then presents some fundamental traits of God revealed in Jesus: his partiality for the poor, his mercy, and his incompatibility with wealth. Finally, it addresses the idolatry present in communities of faith today, how it is a silent and "religious" sin, and how only with an authentic return to Jesus can it be overcome.

KEYWORDS: Faith. God. Idolatry. Jesus of Nazareth. Kingdom of God.

Introdução

A pergunta pode parecer estranha e mesmo desnecessária. Por que perguntar se cremos no Deus de Jesus? Nossa sociedade ocidental se entende majoritariamente como cristã, então, seria lógico pensar que sim, claro que cremos no Deus revelado em Jesus. Mas crer não é simplesmente assentir com a cabeça, afirmar que acredita na existência dEle ou viver dadas práticas religiosas. Crer significa aderir, lançar-se, viver segundo Deus. Então, se olhamos para a vida de nossas comunidades de fé e a comparamos com o projeto do Pai anunciado por Jesus, percebemos uma grande discrepância. Não entendemos o que é crer nem aderimos ao Deus de Jesus. Então, percebemos o quanto é perigoso um pecado antigo, tão criticado pelos profetas de Israel e tão presente entre nós, talvez a raiz dos demais pecados: a idolatria.

Trata-se de adorar a um deus falso ou adorar falsamente ao Deus verdadeiro. O que, no fundo, é a mesma coisa, pois o modo errado de adorar o Deus de Jesus revela que não o entendemos e estamos adorando uma imagem que criamos sobre Ele, um ídolo, não Deus realmente. Por conta de acusações de alguns irmãos e irmãs de outras Igrejas (não todos) aos católicos, acabamos associando idolatria com adoração de imagens de santos e santas, da Virgem Maria, especialmente, ou de Jesus. Mas não só a veneração às imagens é coisa bem diferente de adoração, como idolatria não se restringe a isso. Não se trata simplesmente de adorar uma imagem de gesso, resina, madeira ou qualquer outro material. Mas de adorar uma imagem falsa de deus que está na nossa cabeça e nas nossas atitudes. É inventar um deus a imagem e semelhança de nossos preconceitos em vez de servir ao Deus revelado por Jesus. É assumir uma religiosidade segundo esse Deus, isto é, viver não segundo o Espírito de Jesus, mas de um deus enviesado que vai contra o projeto do Evangelho. Pior de tudo é que o fazemos pensando servir ao Senhor. Em nome de Jesus, negamos seu Evangelho.

Isso é um perigo para nossa espiritualidade, isto é, para nossa vivência da fé, pois acabamos não seguindo a Jesus, não vivendo seu Evangelho nem construindo seu Reino, mas assumindo uma vivência religiosa às avessas do

que deveria ser a fé cristã. O que buscamos mostrar no presente texto é como isso está mais presente do que imaginamos. Por isso, é tão urgente e necessário fazermos algo a respeito. Em um primeiro momento, apresentaremos a problemática da idolatria, mostrando que não é o ateísmo e sim ela que é o grande desafio para quem crê e abordaremos a mesma como um conflito de deuses, não de religiões. Em um segundo momento, apresentaremos alguns aspectos fundamentais do Deus revelado em Jesus, como sua parcialidade pelos pobres e oprimidos, sua imensa misericórdia e sua incompatibilidade com as riquezas. Por fim, mostraremos como a idolatria está muito presente em nossas comunidades de fé, como é um pecado silencioso e "religioso" porque não é visto como tal e como o jeito para superar isso é voltar a Jesus. O Deus em que cremos determina nossas posturas e atitudes no mundo; assim como nosso proceder diz muito sobre o Deus em quem acreditamos.

1. A idolatria como o grande desafio da fé

Idolatria parece um pecado superado. A palavra mesma não é muito conhecida pelo nosso povo. Quando alguém lembra, geralmente, se refere a acusações contra a veneração de imagens. Mas o verdadeiro sentido da idolatria não é abordado. Se ela tem a ver com trocar o Deus verdadeiro por falsos deuses, então, ela é a raiz de todos os demais pecados, pois pecar é agir contra a vontade de Deus e se servimos a um falso deus, andamos longe de viver a vontade do Senhor. A idolatria é muito mais grave do que o ateísmo, pois é possível não ter fé em Deus e mesmo assim viver sua vontade, mesmo sem saber, desde que se pratique o amor, o que Ele mais quer. Mas com a idolatria não é possível viver a vontade de Deus, pois ela ilude, engana, nos faz pensar que agimos de acordo com o Senhor, quando agimos contra seus desígnios. Desse modo, não se trata de uma disputa de religião (essa serve ao Deus verdadeiro e aquela não), pois todas as religiões são caminhos para o Deus verdadeiro. A disputa é entre deuses, o Deus verdadeiro que pode ser amado e adorado por todos os povos, cujos desígnios amorosos podem ser assumidos por todos, e os deuses falsos que dominam, oprimem e vivem dos sacrifícios do povo.

1.1 Ateísmo e idolatria

Muitos acontecimentos nos últimos séculos levaram as Igrejas a repensarem seu modo de apresentarem a fé. O iluminismo trouxe muitos questionamentos às religiões; no Ocidente, o cristianismo perdeu muito poder e influência; surgiram tendências que desprezavam o que é religioso em detrimento do científico, como se razão e fé fossem coisas opostas. Assim, na Europa, muitos teólogos se perguntavam: como fazer teologia para um mundo que se tornou adulto? E mais: como explicar a fé diante do não crente, diante do ateu que duvida que Deus existe ou até milita defendendo sua não existência?

A Europa que, por tanto tempo, foi o coração do cristianismo, vem enfrentando há alguns anos uma crise religiosa muito grande. Além do mais, é um con-

tinente rico e poderoso. Portanto, entende-se que seja a preocupação com o não crente o que venha em primeiro lugar. Contudo, na América Latina, um continente profundamente religioso e ao mesmo tempo injusto e desigual, o problema é outro. "Uma trágica característica deste continente, o único majoritariamente cristão e pobre ao mesmo tempo, é o risco de pretender dançar sobre dois pés: afirmar com os lábios o Deus de Jesus e na prática servir a Mamon, maltratando e assassinando os preferidos de Deus, os pobres" (GUTIÉRREZ, 1992, p. 76). Como pode um continente onde a maior parte da população se diz seguidora de Jesus permitir que se viva de forma tão contrária ao que ele ensinou? A explicação pode nos vir justamente da idolatria. Não se vive autenticamente a fé em Jesus. O deus que se adora no continente não é o Deus de Jesus, mesmo que se use seu nome. Assim, "o desafio não vem em primeiro lugar do não-crente, e sim da 'não-pessoa', ou seja, daquele que não é reconhecido como pessoa pela ordem social existente", em outras palavras, "o pobre, o explorado, aquele que é sistemática e legalmente despojado de sua estatura humana, aquele que mal sabe que é um ser humano" (GUTIÉRREZ, 2000, p. 22). O problema não é o ateísmo, mas a idolatria. Inclusive, é importante recordar que "nas Escrituras, a rejeição a Deus é apresentada não como ateísmo, mas como idolatria, isto é, como a afirmação de um falso deus" (GUTIÉRREZ, 1992, p. 75).

Esse problema também pode ser visto na Europa. Pois se um continente historicamente cristão se torna cada vez mais não religioso, pode ser que o deus anunciado e pregado não seja o Deus verdadeiro. O próprio Concílio Vaticano II admitiu que a causa para o ateísmo, muitas vezes, está no fato de não ter sido anunciado adequadamente o Deus cristão: "A responsabilidade dos cristãos não é pequena. A negligência na educação da fé, as distorções na exposição da doutrina, os defeitos da prática religiosa e as falhas, tanto morais como sociais, acabam escondendo mais do que revelando a verdadeira face de Deus e da religião" (GS 19). Assim, a decepção da pessoa que se diz ateia não é com Deus propriamente, mas com a imagem dEle que lhe foi apresentada. Uma imagem distorcida e distante de quem Ele realmente é. Assim, apesar de não parecer, o problema religioso na Europa, bem como em outras partes, é também o da idolatria.

Quando olhamos para a história da Igreja, percebemos muitas realidades que expressam adesão ao Senhor e sua vontade (graça), mas também muitas situações de negação dos seus desígnios (pecado). Isso, por exemplo, se vê na colonização da América. Em nome de Jesus, os europeus conquistaram o continente, exploraram os povos indígenas, tomaram suas terras e os "converteram" à força. Claro que temos proféticas exceções, como Bartolomeu de Las Casas e António de Montesinos que defenderam os indígenas e denunciaram as barbaridades cometidas contra eles. Contudo, muitos usaram o nome de Jesus para dominar. No fundo, não era ao Deus de Jesus que serviam, mas ao "Ouro das Índias". Seu deus era o dinheiro, mesmo que o chamassem de Jesus. Que blasfêmia! O próprio Bartolomeu de Las Casas já entendeu isso no séc. XVI. "Causa particular escândalo a Las Casas o fato dessa verdadeira idolatria apresentar-se encoberta, pretendendo ser um serviço ao Deus verdadeiro...". Com isso, "Bartolomeu assume aqui uma clara perspectiva profética: trata-se de desmascarar

a idolatria de pretensos crentes no Deus da revelação bíblica. Na Escritura a rejeição de Deus é apresentada mais como idolatria do que como ateísmo. Ela é um perigo permanente para o crente" (GUTIÉRREZ, 1993, p. 149). Tantas vezes, pregamos um Jesus elitizado que conforta os poderosos e aliena os humildes.

Essa realidade dolorosa de idolatria se repetiu muitas vezes ao longo da história, de diferentes formas e enfoques; mas se repetiu! Quantos tiranos tiveram assistência religiosa da Igreja! Fazendeiros que exploravam seus trabalhadores e tinham missas celebradas em suas propriedades, tinham seus empreendimentos abençoados e, portanto, confirmados pela Igreja. No altar dos ídolos da morte, no altar do dinheiro e da cobiça, muitas vítimas inocentes foram sacrificadas. A que deus estávamos servindo? Certamente, não ao Deus de Jesus.

Geralmente, a preocupação dos crentes é com aqueles que dizem não crer em Deus. consideram isso um absurdo. Dizem que estão no inferno, que é preciso convertê-los etc. Contudo, não percebem que o verdadeiro problema não é o ateísmo, mas a idolatria. O papa Francisco já alertou sobre isso: "Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro" (EG 89). Propostas alienantes e a fé num Jesus desencarnado são o verdadeiro desafio, são idolatria.

Além do mais, o ateu pode fazer a vontade de Deus, mesmo em saber. Desde que se abra ao amor, estará se abrindo a Deus. Inclusive, o papa Francisco também nos recordou que "o paradoxo é que, às vezes, quantos dizem que não acreditam podem viver melhor a vontade de Deus do que os crentes" (FT 74). O idólatra, por sua vez, não pode viver a vontade de Deus, pois pensa estar agradando a Deus, pensa estar sendo religioso e servindo a Jesus, mas na verdade, anda longe de assumir sua vontade, pois serve a falsos deuses. Todavia, é importante lembrar que o idólatra nem sempre é mal caráter! Ele nem sempre inventa outro deus porque quer. Na maioria das vezes, ele já recebeu essa falsa imagem de Deus de certos pregadores. Ele não tem culpa se lhe foi apresentada uma imagem distorcida de Jesus. Contudo, existem sim aqueles e aquelas que distorcem de propósito os desígnios de Deus para seu próprio benefício, justificando a exploração e a dominação do outro.

1.2 Um conflito de deuses, não de religiões

É curioso o paradoxo da idolatria. Com isso, queremos dizer que, ao longo da história, se cometeu a idolatria buscando combater a mesma. Explicamos. Na colonização da América, por exemplo, os indígenas eram acusados pelos cristãos de serem idólatras, pois adoravam outros deuses. Portanto, os cristãos se sentiam na missão de combater essa idolatria. Mas na verdade, eles não percebiam que a verdadeira idolatria era eles explorarem, dominarem e usarem de violência em nome de Jesus, quando o Mestre de Nazaré ensinou justamente o contrário. Ou seja, a verdadeira idolatria era adorar um Jesus que mandava dominar e até matar os indígenas, quando o Jesus dos Evangelhos jamais en-

sinaria tal coisa. Inclusive, denunciou Bartolomeu de Las Casas que "podemos dizer que os espanhóis, em cada ano dos que estão nas Índias, depois que entraram em cada província, sacrificaram mais à sua deusa muito amada e adorada, a cobiça, do que os índios sacrificaram aos seus deuses durante cem anos de todas as índias" (LAS CASAS, apud. GUTIÉRREZ, 1993, p. 154).

Com essa reflexão sobre o paradoxo da idolatria queremos dizer que a questão não é um conflito de religiões (uma está certa e adora o Deus verdadeiro e a outra está errada e é idólatra). A questão é um conflito de deus (o Deus verdadeiro que pode ser adorado de diferentes formas pelas diversas religiões contra os deuses falsos que igualmente podem ser adorados por elas). Por exemplo, os mulçumanos chamam Deus de Alá, os judeus de Adonai, tantos povos indígenas tem uma variedade de nomes para suas divindades, mas todos refletem no fundo a busca do divino que orienta nossas vidas para o caminho do bem. O papa Francisco, em sua viagem a Singapura, deixou uma belíssima reflexão sobre isso. Falando aos jovens em um momento interreligioso, ele afirmou: "Todas as religiões são um caminho para nos aproximarmos de Deus... Só há um Deus, e nós, as nossas religiões são linguagens, caminhos para chegar a Deus. Uns sikh, outros muçulmanos, outros hindus, outros cristãos, são caminhos diferentes" (FRANCISCO, 2024). Portanto, quando falamos em combater a idolatria, não falamos em combater o direito que outras religiões tem de cultuar outros deuses, que para nós, são no fundo o mesmo Deus. Trata-se de combater a falsificação de Deus que pode acontecer em qualquer religião. A idolatria pode acontecer entre católicos, evangélicos, judeus, muçulmanos, indígenas, hindus etc. Trata-se de trocar o Deus da vida por deuses de morte. É um conflito de deuses.

Mas para evitar equívocos, não estamos aqui levantando a hipótese de monolatria, como pode parecer. Isto é, não cremos que existem vários deuses, mas que só podemos adorar a um. Não se trata disso. A idolatria significa chamar e tratar como deuses o que não é. Ao falarmos de conflito de deuses, usamos a expressão de forma metafórica para traduzir a disputa entre o Deus verdadeiro e as falsas imagens/visões/compreensões feitas sobre Ele. É sobre isso que precisamos estar atentos. Para não adorarmos ídolos pensando estar adorando o Deus de Jesus.

2. O Deus revelado em Jesus

Um problema muito sério no cristianismo e que muitos teólogos têm chamado atenção nos últimos tempos é que não somos totalmente consequentes com essa verdade fundamental da fé cristã: Jesus nos revela plenamente quem é Deus. E por que não levamos a sério essa verdade? Porque em vez de olharmos para Jesus e aprendermos quem é Deus, já temos uma imagem de Deus na cabeça e a queremos encaixar em Jesus. Fazemos o movimento inverso. "É Jesus, o homem de Nazaré, quem nos dá a conhecer Deus. Portanto, quando afirmamos que Jesus é Deus, ou quando nos perguntamos se Jesus é Deus, no fundo, o que estamos fazendo é partir da convicção de que nós já sabemos

quem e como é Deus"; com isso, "não levamos em conta que quem nos explica o que se refere a Deus é Jesus. Portanto, o correto seria dizer, de um modo melhor, que Deus é Jesus... Ou dito de maneira mais taxativa: somente em Jesus conhecemos a Deus" (CASTILLO, 2010, p. 29.30).

Assim, temos que aprender que "não se deve começar pressupondo que já sabemos quem é Deus... Não se deve dizer simplesmente que Jesus é Deus, como se a surpresa recaísse no que é 'Jesus', mas que Deus é o que aparece em Jesus de Nazaré, e com isso a surpresa recai no que é 'Deus'" (SOBRINO, 2000, p. 491). Do contrário, "o ser de Jesus é deduzido e, desta forma, só se encontra em Jesus o Deus que nós já conhecemos ou julgamos conhecer: o deus da filosofia. Dessa maneira, Jesus não revela nada" (GONZÁLEZ FAUS, 1981, p. 10). Só olhando para Jesus sabemos quem Deus é, só vendo como ele agia, o que ele dizia, com quem estava, como rezava, o que defendia é que descobrimos o jeito de Deus. "Não é da análise abstrata do que seja Deus e do que seja o homem que entendemos quem é Jesus Homem-Deus. Mas foi convivendo, vendo, imitando e decifrando Jesus, que seus discípulos chegaram a conhecer a Deus e ao homem" (BOFF, 2008, p. 131). Assim, para ajudar numa reflexão que desmascare a idolatria entre nós e leve a vencê-la, apresentaremos neste tópico algumas características fundamentais de Deus que nos foram reveladas na vida de Jesus, tais como a parcialidade fundamental de Deus pelos pobres e oprimidos, seu jeito de ser todo guiado pela misericórdia e sua incompatibilidade com a riqueza.

2.1. Pai dos pobres e oprimidos

Ao longo da história, muito antes de Jesus ou mesmo do povo de Israel, as divindades já eram usadas para justificar o poder dos governantes e das autoridades. Na maioria das culturas, os sacerdotes ou lideranças religiosas que lhes fazem as vezes estavam ligadas aos reis, faraós, imperadores. O templo era uma extensão do palácio real. Uma religião assim será sempre aliada dos poderosos. É verdade que em muitas religiões antigas existia também uma preocupação pelos pobres e orientações para ajudá-los (Cf. SICRE, 2015, p. 25-60). Mas talvez tenha sido a religião de Israel uma das primeiras a assumir como uma das características principais de Deus o fato de ser um defensor dos pobres e oprimidos. A Escritura está repleta de expressões e passagens que revelam essa parcialidade fundamental de Deus pelos pobres. "Constitui um refrão permanente da Sagrada Escritura a descrição da ação de Deus em favor dos pobres" (FRANCISCO, 2019). Trata-se, portanto, de "uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar" (EG 194). Em Jesus, a parcialidade de Deus pelos pobres chega a sua plenitude. Ele foi na contramão da religião do templo e de tantos teólogos em Israel que diziam crer no Deus libertador, mas praticavam a opressão.

Havia muitos grupos religiosos no tempo de Jesus, cada um com sua compreensão da fé, das Escrituras e das tradições: fariseus, escribas, saduceus, essênios, zelotas etc. Mas, grande parte desses religiosos havia se esquecido

dessa marca fundamental do Deus de Israel: Pai dos pobres e oprimidos. Jesus desafiou a idolatria deles, mostrou que o Deus que acreditavam não era seu Pai: "não conheceis nem a mim nem a meu Pai" (Jo 8,19); "quem é de Deus ouve as palavras de Deus. Por isso vós não ouvis, porque não sois de Deus" (Jo 8,47); "é meu Pai que me glorifica, aquele que dizeis: 'É nosso Deus'. Vós não o conheceis; eu o conheço" (Jo 8,54-55). Afirmou que o Reino de Deus era dos pobres (Cf. Mt 5,3; Lc 6,20). Condenou o acúmulo: "uma coisa te falta: vai, vende o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, segui-me" (Mc 10,21); "Insensato! Esta mesma noite te reclamam a vida. E o que preparaste, para quem será? Isso acontece com quem acumula tesouros para si e não é rico perante Deus" (Lc 12,20-21). Disse claramente de que lado Deus estava. Não deixou de ir à casa dos poderosos quando era chamado, mas não se vendia a eles. Ia em suas casas para justamente lhes recordar dos pobres, pois eles eram os prediletos de Deus: "Quando ofereceres um almoço ou um jantar, não chames teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos... Quando ofereceres um banquete, convida pobres, aleijados, coxos, cegos!" (Lc 14,13). Jesus mesmo era humilde, nasceu sem um lugar para si, foi posto num cocho de alimentar animais (Cf. Lc 2,7), viveu na periferia de Nazaré na Galileia (Cf. Mt 2,22-23; Lc 4,16), realizou trabalhos manuais (Cf. Mc 6,3) e afirmou não ter onde repousar a cabeça (Cf. Mt 8,20; Lc 9,58). Em Jesus, Deus se fez pobre, se fez periferia.

Jesus mostrou um Deus profundamente preocupado com seu povo. Jesus teve compaixão da multidão faminta (Cf. Mc 8,2-3) e porque eram como ovelhas sem pastor (Mt 9,36). Jesus denunciou a opressão dos grandes das nações e ensinou que seus discípulos não poderiam seguir a mesma lógica de dominação: "sabeis que os que são considerados como chefes das nações, as dominam, e seus grandes as tiranizam. Entre vós, porém, não há de ser assim" (Mc 10,42-43). Ele até enfrentou as autoridades políticas e religiosas de seu tempo que exploravam o povo. Chamou Herodes de raposa (Cf. Lc 13,32) e de hipócritas os escribas e fariseus que exploravam as pobres viúvas (Cf. Mt 23,14). Ele sentiu compaixão pela pobre viúva de Naim (Cf. Lc 7,11-17), chorou diante de tanta injustiça cometida em Jerusalém e pelo fim que lhe esperava (Cf. Lc 19,41-44). A grande preocupação pastoral de Jesus era cuidar dos doentes e sofredores, pois entendia que nesse cuidado amoroso o Reino de Deus ia acontecendo "e enviou-os para proclamar o Reino de Deus e restituir a saúde aos doentes" (Lc 9,2). Assim, o Deus revelado em Jesus sofre com seu povo e se alegra com ele, sente suas dores e suas alegrias. É um Deus que se importa com os grandes problemas da humanidade. Portanto, uma religiosidade que diga que não é coisa de Deus a luta pela justiça, pela igualdade, pelos direitos e dignidades de todas as pessoas, só pode ser idolatria. É uma falsa religiosidade, pois um deus indiferente aos problemas do mundo é um ídolo. Um deus que não exige como parte fundamental da fé nele a luta pela vida dos seus filhos e filhas, não é o Pai de Jesus. É fruto de nossa imaginação, é um deus criado a imagem e semelhança de nossa indiferença.

2.2 Um Deus que é todo misericórdia

Dentre tantos tabus e costumes quebrados por Jesus em seu tempo estava o fato de andar com aqueles considerados "pecadores". "Nunca havia acontecido algo parecido na história de Israel. Nenhum profeta se aproximara deles com essa atitude de respeito, amizade e simpatia. O que Jesus fez era inaudito" (PAGOLA, 2014, p. 240). Tais pessoas eram consideradas malditas, isto é, amaldiçoadas por Deus. Não eram fiéis a lei e aos costumes, eram impuras. Mas Jesus as acolhia, conversava com elas, faziam até refeição com elas, um dos gestos mais sagrados para o judaísmo. "Não se come com qualquer um; cada um come com o seus. Compartilhar a mesma mesa quer dizer que se pertence ao mesmo grupo e que, portanto, marcam-se as diferenças em relação a outros" (PAGOLA, 2014, p. 244). Sendo assim, "para que os adversários de Jesus se escandalizassem, bastava que Jesus não excluísse ninguém de sua mesa" (JEREMIAS, 2008, p. 185).

Ele ensinou que veio para os pecadores, não para os justos (Cf. Mt 9,13). Andou com gente de má fama, escolheu pessoas simples e mal vistas para ser do seu círculo mais íntimo de seguidores (Cf. Mc 3,13-19), dialogava com todos. Jesus mostrou que Deus não é carrasco nem severo, mas é um Pai cheio de misericórdia, um Pai que não dá bronca no filho que o desapontou, enchendo-o de perguntas... Não. Jesus revelou um Deus que abraça, beija e faz festa quando vê o filho voltar (Cf. Lc 15,11-32). Não é um deus que discrimina determinados grupos, mas que acolhe os excluídos e marginalizados. É um Deus bom com todos. Ele "faz nascer seu sol sobre maus e bons e envia a chuva sobre justos e injustos" (Mt 5,45), Ele "é bondoso com ingratos e malvados" (Lc 6,35). Pregar um deus que exclui, que amaldiçoa certos grupos ou que os quer longe dele é idolatria. É crer num ídolo, não no Deus revelado em Jesus.

2.3 Um Deus incompatível com as riquezas

Jesus foi taxativo: "Não podeis servir a Deus e à riqueza" (Mt 6,24; Cf. Lc 16,13). Contudo, sabemos que foi o dinheiro que moveu tantas vezes as religiões. Sabemos o quanto há discursos religiosos, teologias que defendem a riqueza como bênção e a pobreza como maldição. Mas não foi isso que Jesus ensinou. O Mestre até chamou de injusto o dinheiro (Cf. Lc 16,9.11), porque apesar de necessário em nossas sociedades, ele é sempre fruto da exploração. Também ensinou a juntar tesouros no céu, não na terra: "Não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem devoram, onde os ladrões arrombam e roubam! Ao contrário, acumulai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem devoram, onde os ladrões não arrombam nem roubam" (Mt 6,19-20). Ensinou a se desfazer das riquezas e dar tudo aos pobres: "Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus" (Mt 19,21; Cf. Mc 10,21; Lc 18,22); "antes, dai em esmolas o que está dentro e percebereis que tudo é limpo" (Lc 11,41).

Mostrou, inclusive, que a participação no Reino de Deus passa justamente pelo cuidado com os pobres e sofredores, sacramento de sua presença entre nós: "Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo! Pois tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e me acolhestes; estava nu e me vestistes; doente, e me visitastes; na prisão, e viestes a mim" (Mt 25,34-36); explica o Senhor: "Toda vez que fizestes isso a um desses meus irmãos menores, a mim o fizestes" (Mt 25,40). A vida eterna passa pelo cuidado com os caídos a beira do caminho (Cf. Lc 10,25-37). Ele não elogiou as gordas ofertas que os ricos davam no Templo, mas as moedinhas da pobre viúva (Cf. Mc 12,41-44; Lc 21,1-4). A lógica do Reino de Deus não segue a lógica dos reinos mundanos onde uns mandam e outros obedecem, onde uns desfrutam de luxo e prazeres à custa do trabalho e da exploração infligida a muitos. Por isso, também a forma de honrar a Deus não segue a lógica mundana do dinheiro e do poder, mas da fraternidade e da justiça. Muitos para justificar o esplendor dos templos e das vestes dizem que para Deus se deve dar o melhor. Isso é verdade. Mas segundo o Evangelho de Jesus, o melhor para Deus segue a lógica do mercado? Isto é, consiste em ouro, prata e luxo? Ou o melhor para Deus é a vida com dignidade de seus filhos e filhas? Sobre isso, tão bem nos ensinou São João Crisóstomo (1996): "Aprendamos, pois, a pensar com discernimento e a honrar a Cristo como ele quer ser honrado... Assim, pois, dá ao Senhor a honra que ele mesmo quer, empregando tuas riquezas nos pobres. Porque Deus não tem necessidade de vasos de ouro, mas de almas de ouro".

O Reino de Jesus não é como o de Davi, de Herodes, de Pilatos ou de César. Seu Reino não é desse mundo (Cf. Jo 18,36), porque não tem sua origem na lógica de ambição dos reinos mundanos; ele tem sua origem em Deus. Mas já se faz presente neste mundo, ainda que não plenamente, para que a vontade do Pai aconteça aqui. Uma religiosidade que pregue um deus que queira ouro, prata, liturgias pomposas, templos esplendorosos, que só se preocupe em arrecadar dinheiro para acumular, é um ídolo. Não é o Deus revelado em Jesus!

3. A idolatria em nossas comunidades de fé

É difícil enxergar a idolatria entre nós. Primeiro, porque não é um pecado muito denunciado. Até a palavra "idolatria" é desconhecida por grande parte do nosso povo. Segundo, porque quando aparece, é desvirtuada ou usada em relação à veneração das imagens (como se idolatria fosse isso) ou para atacar outras religiões e suas divindades (como se o problema fosse a religião e não a imagem de deus que ela serve). Então, para muitos, pode parecer absurdo e mesmo fora de propósito falar em idolatria dentro da comunidade de fé. Mas não é assim. Como veremos, ela consiste num pecado silencioso porque é "religioso", isto é, disfarçado com um véu de piedade e religiosidade, por isso também é difícil de ser percebido. Mas a única forma de combater tal pecado é voltarmos para Jesus, isto é, aprofundarmos cada dia o seguimento: rezar a partir dos Evangelhos, contemplar sua vida e ensinamentos e assumir isso em nosso viver.

Só voltando a Jesus, nós cristão descobriremos quem Deus realmente é e poderemos adorá-lo de fato.

3.1 Um pecado silencioso e "religioso"

É difícil denunciar a idolatria porque ela é silenciosa. É um pecado difícil de perceber porque se disfarça de religiosidade. Por isso dizemos que é silencioso e "religioso". Pensamos servir a Jesus, mas servimos a uma falsa imagem, a uma falsa compreensão sobre ele. Esse risco esteve presente desde o início. É interessante uma tradição preservada nos Evangelhos em que Jesus pergunta a seus discípulos quem as pessoas diziam que ele era e depois pergunta diretamente aos discípulos (Cf. Mt 16,13-23). A pergunta "quem é Jesus?" é fundamental. E o desenrolar da narrativa revela isso. Pedro dá a resposta certa, mas o sentido errado. Pedro diz que Jesus é o Cristo, mas não entende o que isso significa. Na sua compreensão, o Cristo não podia sofrer, seria todo poderoso e talvez Pedro pensasse que tal Messias derrotaria o império romano pelas armas. Por isso, quando Jesus anunciou que morreria em Jerusalém pelas mãos das autoridades políticas e religiosas, Pedro o repreendeu (Mt 16,22). Ele deu a resposta certa (Jesus é o Cristo), mas o sentido errado, pois Jesus não era o Cristo que ele imagina, mas o servo sofredor que se fez solidário com as vítimas deste mundo.

O mesmo acontece hoje em nossas comunidades. Repetimos frases corretas cujo sentido não entendemos: Jesus Cristo, Jesus é o Senhor, ele é o Salvador, é tudo para nós etc. Tudo verdade, mas... O que entendemos por Cristo, por Senhor, por Salvador? O que significa ser tudo para nós? Falamos de Jesus e em nome de Jesus, mas... Será que não estamos defendendo projetos contrários ao que ele ensinou? Em nossas comunidades de fé, paróquias, grupos, movimentos, bairros, comunidades rurais etc., estamos muito envolvidos na preparação de eventos, em organizar a liturgia, as celebrações, festas de padroeiro etc. Nem paramos para pensar se tudo isso está a serviço do Reino anunciado por Jesus, se estamos nos tornando mais semelhantes ao mestre, amando mais como ele amou.

Em tantos momentos, pregamos uma religiosidade desligada dos problemas do mundo. Tratamos como religioso e espiritual só o que se refere a oração, como se a missão dada por Jesus a nós fosse apenas ou em primeiro lugar rezar. A oração é fonte fundamental da vida cristã, mas não é toda a vida cristã, no sentido de que viver segundo Jesus é mais do que realizar alguns momentos de oração. Não é possível pensar um cristão que não reza, que não busca essa comunhão, louvor e contemplação da vontade do Senhor, seja de modo pessoal, seja comunitário.

Contudo, nossa missão é "tornar o Reino de Deus presente no mundo" (EG 176), é lutar para que a vontade de Deus aconteça entre nós. Portanto, mudar o mundo para que seja como Deus quer. E como recordou o papa Francisco: "Quais serão as perguntas que o Senhor nos fará naquele dia: 'Foste à Missa? Fizeste uma boa catequese?'. Não, as perguntas são acerca dos pobres, porque a pobreza está no centro do Evangelho" (FRANCISCO, 2015). Como vimos, o

Deus revelado por Jesus não é alienado das coisas do mundo nem indiferente aos problemas da humanidade. Fome, falta de moradia, desrespeito aos diretos trabalhistas, exploração, preconceito, discriminação são pecados, são problemas religiosos para quem tem fé no Deus de Jesus que quer vida e vida em abundância para todos os seus filhos e filhas (Cf. Jo 10,10).

Além disso, há quem pregue uma Igreja de puros, uma elite religiosa, ou mesmo, há quem imagine a Igreja formada por castas de pessoas mais importantes do que outras, com "mais Deus", "mais Espírito Santo" que outras. Claro que não há pregações tão escrachadas assim. Mas no fundo, é essa a compreensão que dá base a certas pregações e visões de Igreja. Assim, em nome de Deus, em nome de Jesus, certas pessoas são excluídas da comunhão eucarística, das pastorais ou mesmo da comunidade de fé porque são as "pecadoras" de hoje, formam os atuais "publicanos". Enquanto os atuais "fariseus" continuam parecendo muito bons e santos; quando, tantas vezes, fazem às escondidas pior do que aqueles que condenam. "Por cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecados de domínio público, pelo que externamente tudo parece correto. Mas, se invadisse a Igreja, `seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral'" (EG 93). Assim, o deus dessas pessoas religiosas é um deus que ama mais umas pessoas que outras, um deus que faz discriminação entre as pessoas. Ama as "boazinhas" e pune as "mazinhas", um deus que veio para os justos. Ou seja, um ídolo contrário ao que Jesus revelou. Esse tipo de mentalidade é idolátrica e está presente nas nossas comunidades de fé. Devemos sim ser santos e santas, mas a santidade não exclui as pessoas. O processo de conversão não está encerrado, mas é permanente. Nunca estaremos totalmente convertidos. Por isso, não faz sentido exigir nada para seguir Jesus. Ele mesmo nada exigia, mas tudo transformava depois do seguimento.

Outra forma de idolatria presente em nossas comunidades de fé é a adoração ao dinheiro. Em nome de Jesus, buscamos todos os meios para arrecadar, nem todos coerentes com o Evangelho. Não são necessariamente ilícitos, mas podem não ser evangélicos. Além do mais, muitas comunidades vivem a partir e em função de arrecadações, não a partir e em função do Reino de Deus. Isso não significa desprezar o fato de que nossas comunidades precisam de dinheiro. A Igreja também tem uma dimensão institucional. Temos gastos e a evangelização demanda recursos. Isso é verdade. O que não podemos é transformar meios e instrumentos em fins. O dinheiro e demais recursos são necessários para a missão evangelizadora, mas eles são meios/instrumentos, não podem virar a finalidade da missão. A finalidade deve ser sempre o Reino. Não é que evangelizamos para juntar dinheiro, mas precisamos de dinheiro para evangelizar. Esse "para" é a finalidade, tudo que fazemos é para anunciar a Boa Nova do Reino e garantir que a vontade de Deus, seu amor, sua justiça aconteçam entre nós e, assim, sejamos mais parecidos com Jesus. Se não, em nome de Jesus, estamos adorando o dinheiro. Será esse ídolo a dominar nossas comunidades de fé.

E é bom lembrar que adoração é fazer a vida segundo tal pessoa ou coisa, é dedicar tudo a ela, é configurar tudo o que se é e se faz a tal coisa. Por mais importantes que sejam os momentos de adoração eucarística, só mostraremos

verdadeiramente se estamos adorando Jesus, se no nosso dia a dia estivermos vivendo segundo seu Evangelho. Por isso, o jeito de vencer a idolatria, é voltar a Jesus.

3.2 O jeito é voltar a Jesus

Voltar a Jesus não é fácil, porque para começo de conversa, é preciso primeiro admitir que nos afastamos dele. Isso não significa um afastamento total. Há muitos sinais em nossas comunidades de fé do autêntico Evangelho. Contudo, como vimos, há também muitos sinais de afastamento dele. A idolatria, a adoração a falsos deuses, só pode ser vencida contemplando aquele que para nós cristãos é a plena revelação de Deus: Jesus de Nazaré.

Para isso, é fundamental o seguimento de Jesus. Contemplação e compromisso com o Evangelho. É preciso rezar e meditar a vida de Jesus como nos foi transmitida pelas primeiras comunidades cristãs. E, assim, rezar e meditar a vida do Senhor hoje entre nós. Assumindo seu amor no dia a dia vamos nos formando e nos configurando a ele. Nesse caminho, vamos desmascarando as falsas imagens e compreensões que nos foram transmitidas sobre Deus e anunciamos verdadeiramente a Boa Nova do Reino. Essa oração e contato com a Palavra deve estar sempre acompanhada do encontro com Jesus nos irmãos e irmãs sofredores. Pois como nos recordou o papa Francisco (2021): "os crentes, quando querem ver Jesus em pessoa e tocá-Lo com a mão, sabem aonde dirigir-se: os pobres são sacramento de Cristo, representam a sua pessoa e apontam para Ele". Não nos afastarmos das chagas de Cristo é indispensável para o seguimento. Assim como o envolvimento nas lutas por justiças e direitos, nos diversos processos para tornar o mundo mais justo e fraterno, sinal do Reino.

Tudo isso nos ajuda a voltar a Jesus de Nazaré e a caminhar com ele, adorando verdadeiramente a Deus. Assim, vamos aos poucos configurando toda nossa vida a ele, sendo cada dia mais semelhantes ao Mestre, amando como ele amou, vivendo como ele viveu. Isso é verdadeiramente adorar, isso é verdadeiramente crer.

Conclusão

Será que cremos mesmo no Deus de Jesus? Essa pergunta orientou nossa reflexão ao longo deste texto e deve ser feita frequentemente. Ela é a chave para uma autêntica espiritualidade e deve orientar nossa vida de fé. Todos nós, em algum momento da caminhada, podemos cair na idolatria, podemos estar crendo e adorando um falso deus, um deus distante daquele revelado em Jesus.

A nossa espiritualidade só será verdadeiramente cristã, isto é, só estaremos de fato vivendo a fé, vivendo segundo o Espírito de Jesus de Nazaré, se estivermos voltados para o Deus que se revelou nele. Caso contrário, poderemos estar vivendo mais uma espiritualidade farisaica do que cristã. Pode ser o

espírito da arrogância, da indiferença ou da ambição desmedida que guie nossa religiosidade, não o Espírito Santo.

Precisamos fazer uma profunda revisão em nossa vida cristã, em nossos estilos, pregações, nossa forma de viver a fé. Para descobrirmos tanta idolatria que existe entre nós e podermos combatê-la, só assumindo com seriedade o projeto de Jesus. Mergulhando em sua vida a partir dos Evangelhos, da realidade onde estamos inseridos, especialmente a partir dos pobres e oprimidos, seguiremos o Senhor e adoraremos verdadeiramente a Deus. Enfrentemos, pois, os ídolos de morte e sirvamos ao Deus da vida!

Referências

A BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2023.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. 19ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CASTILLO, José Maria. *A Ética de Cristo*. Trad. Alda A. Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* (GS)*:* sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html, acesso em 28 de jun. de 2024.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* (FT): sobre a fraternidade e amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. *Encontro inter-religioso com os jovens*, (13/09/2024). Viagem à Indonésia, Papua Nova Guiné, Timor Leste e Singapura. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/september/documents/20240913-singapore-giovani.html, acesso em: 15 de out. de 2024.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (EG): sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. III Mensagem para o Dia mundial dos pobres (13/06/2019). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html, acesso em 04 de jul. de 2019.

FRANCISCO, PP. *V Mensagem para o Dia Mundial dos Pobres*. 13 jun. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornatamondiale-poveri-2021.html, acesso em 16 de jul. de 2021.

FRANCISCO, PP. *Visita à Igreja Evangélica e Luterana de Roma*, (15/11/2015). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151115_chiesa-evangelica-luterana.html, acesso em 04 de dezembro 2015.

GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus*: Ensaio de teologia narrativa. Trad.

Luiz J. Gaio. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A verdade vos libertará*: Confrontos. Trad. Gilmar S. Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Deus ou o ouro nas Índias*: século XVI. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1993.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. 2ª Ed. Trad. Gabriel C. Galache; Marcos J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. João R. Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

JOÃO CRISÓSTOMO, São. Homilia 50 sobre são Mateus. In: FAUS, José Ignacio Gonzáles. *Vigários de Cristo*: Os pobres na teologia e espiritualidade cristãs. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

LAS CASAS. "Aquí se contiene una disputa o controversia". Apud. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Deus ou o ouro nas Índias*: século XVI. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1993.

PAGOLA, J. A. *Jesus – aproximação histórica*. 7ª Ed. Trad. Gentil A. Titton. Petrópolis: Vozes, 2014.

SICRE, José Luís. *Com os pobres da terra*: A justiça social nos profetas de Israel. Trad. Carlos F. Silveira. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*: ensaio a partir das vítimas. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção Teologia e Libertação, Série II, Tomo VI).

Artigo submetido em: 25/10/2025. Aprovado em: 12/11/2025.

E-mail do Autor: joaquimjocelio@gmail.com

ORCID: https://orcid.org/0009-0009-0732-3930